

## CULTURA E IDENTIDADE DOCENTE

Agnete Troelsen Pereira Nascimento<sup>1</sup>; Lucemberg Rosa de Oliveira<sup>2</sup>; Marleide Alves de Oliveira Medeiros<sup>3</sup>; Adão Fernandes Lopes<sup>4</sup>; Maria José Souza Pinho<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Professora Auxiliar da Universidade do Estado da Bahia, UNEB/ Campus VII, Senhor do Bonfim/BA, Mestranda em Educação e Diversidade–MPED/UNEB. E-mail: agnetetroelsen@hotmail.com

<sup>2</sup> Professor da rede estadual de ensino de Barro Alto - BA, Mestrando em Educação e Diversidade – MPED/UNEB. E-MAIL: lucembergdo@hotmail.com

<sup>3</sup> Professora da rede municipal de ensino de Jacobina- BA, Mestranda em Educação e Diversidade- MPED/UNEB. E-mail: marleimedeiros@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Professor da rede pública de ensino em Saúde –BA, Mestrando em Educação e Diversidade – MPED/UNEB E-mail: afelopes@yahoo.com.br

<sup>5</sup> Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia, UNEB/ Campus VII. Senhor do Bonfim– BA. E-mail: mjpinho@uneb.br

### RESUMO

A identidade e profissionalização docente surgem como um tema emergente nos últimos anos, e abre perspectivas para questões de grande interesse, como a busca da identidade profissional e a relação do professor com as práticas culturais. Considerar o caráter multicultural da sociedade no âmbito do currículo e da formação docente implica respeitar, valorizar, incorporar e desafiar as identidades plurais em políticas e práticas curriculares. Este artigo pretende contribuir para discussões acerca da identidade docente e sua relação com a cultura, pontuando assim aspectos que contribuem para a construção de uma identidade profissional, trazendo enfoques do currículo e educação e, uma análise da escola sob a ótica da cultura. Trata-se de um estudo descritivo de revisão de literatura. A construção da identidade e da diferença no contexto da sala de aula se revela nos atos de currículo praticados por professores e alunos, na interação entre esses sujeitos e seus contextos socioculturais. Embora diferentemente posicionados neste contexto, esses atores estão presentes e buscam afirmar suas identidades. Considera-se que a relevância da prática social da profissão do professor, contrapõe-se com o contexto legal, social e cultural que cerca esta prática, e percebe-se a necessidade eminente de reconstrução da profissão nesta sociedade marcada por profundas e aceleradas mudanças sociais.

Palavras-chave: Identidade Docente, Cultura Escolar, Diferença.

## INTRODUÇÃO

A história da educação revela a própria evolução do homem como ser social. Considerá-la enquanto um processo formativo amplo implica em reconhecer que a formação dos sujeitos perpassa por diferentes espaços socioculturais, e que isso precisa ser considerado no ambiente escolar.

Na dinâmica e globalizada sociedade contemporânea, a educação toma novos rumos: novas concepções pedagógicas; o aluno passa de apenas receptor, para produtor de conhecimentos; o professor deixa de ser o detentor do saber, passando a ser um mediador da aprendizagem; a formação e a atuação docente ganham novas exigências; novos recursos tecnológicos invadem o espaço escolar; as leis ampliam e garantem o acesso, e grupos sociais, antes silenciados e ignorados, se projetam na afirmação das suas identidades.

Por sua vez, a identidade profissional pode ser vista como a relação entre indivíduo e mundo social. Um mundo em constante mudança seja na forma cultural, econômico, político e tecnológico, imprime transformações nela. Nesse sentido, as identidades surgem como um processo inovador, onde sua origem deriva de um passado histórico, no qual o professor é aquele que expressa a sua verdade em público construindo seus conhecimentos como forma fragmentada de seus saberes (FURLANETTO e ARRUDA, 2012).

Sodré (2003), afirma que se entende por cultura o nível de desenvolvimento alcançado pela sociedade na instrução, na ciência, na literatura, na arte, na filosofia, na moral, entre outros. Nessa perspectiva, considerar o caráter multicultural da sociedade no âmbito do currículo e da formação docente implica respeitar, valorizar, incorporar e desafiar as identidades plurais em políticas e práticas curriculares (MOREIRA e CUNHA, 2001).

Desta forma, a realização desta pesquisa, se justifica a partir da importância de se considerar a construção da identidade e da diferença no contexto da sala de aula, que se revela nos atos de currículo praticados por professores e alunos, na interação entre esses sujeitos e seus contextos socioculturais.

O presente artigo tem como objetivo, por meio de uma revisão de literatura, analisar a identidade docente e sua relação com a cultura, pontuando assim aspectos que contribuem para a

construção de uma identidade profissional, trazendo enfoques do currículo e educação e, uma análise da escola sob a ótica da cultura.

## METODOLOGIA

O método se utilizará da abordagem qualitativa, em caráter exploratório, que buscou reunir procedimentos capazes de suprir os limites das análises. A pesquisa qualitativa trabalha com o conjunto de fenômenos humanos e compreende a realidade social dos indivíduos que agem e pensam sobre suas ações, e interpretam essas ações dentro de sua realidade vivida (MINAYO, 2001).

Trata-se de um estudo descritivo de revisão de literatura, que consiste em uma síntese de vários estudos e contribuições de outros pesquisadores, feita para apresentar o melhor conhecimento disponível sobre um tema específico. Assim foram analisados textos que discutiam acerca das temáticas: identidade docente e cultura escolar.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O resultado da análise converge em temas assim propostos: “Compreendendo os conceitos da identidade profissional e cultura”; “Construção da identidade e da diferença”, e “A escola e a relação com as identidades e diferenças”.

### COMPREENDENDO OS CONCEITOS DE IDENTIDADE PROFISSIONAL E CULTURA

O processo de construção de uma identidade estará sempre inacabado. Os indivíduos vão se construindo enquanto sujeitos historicamente situados, numa relação dinâmica e processual com contextos, situações e indivíduos diversos. O que é, ou o que pensa ser, vai se misturando, se modificando, e se adequando às novas realidades que cercam a nossa vida. Gadotti (2004, p.81) relata que “Não somos para sempre. Ao contrário, estamos sempre sendo.” Compreende-se que não se está estático em nenhum papel social que se empenha, pois as esferas que contribuem para a construção das identidades sejam elas, pessoais, religiosas ou profissionais estão sempre em movimento. Com a identidade profissional não é diferente.

Gatti (1996) entende que “a identidade permeia o modo de estar no mundo e no trabalho dos homens em geral, afetando suas perspectivas perante a sua formação e as suas formas de atuação profissional”. Pode-se dizer que a construção da identidade profissional está diretamente associada a fatores externos e internos à profissão, à maneira que cada indivíduo compreende a escolha

profissional em um contexto histórico situado, à experiência individual e coletiva, à própria visão de mundo.

No Brasil, a formação do professor está regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDBEM 9394/96, e pelas Diretrizes Curriculares dos cursos de Licenciaturas. A partir do conceito de docência apresentado nas Diretrizes Curriculares compreende-se que o fazer docente é, sobretudo, um ato relacional, que acontece na relação e na articulação com diferentes saberes, no diálogo e na valorização da diversidade. Não um fazer interativo aleatório, mas sistemático, que mobilizam os diversos conhecimentos em várias direções, com o objetivo maior que é construir novos conhecimentos. De acordo com Nóvoa (2003, p.26), “Ser professor implica um corpo a corpo permanente com a vida dos outros e com a nossa própria vida. Afinal, “ninguém é professor sozinho, isolado”. A formação exige partilha, implicada em um esforço diário de reflexão e de partilha.

Um aspecto muito importante, destacado por Meksenas (2003), com relação à origem da identidade do professor é a união indissolúvel existente entre o professor como pessoa e enquanto profissional. Trata-se de pensar como determinado modo de ser pessoa relaciona-se ao exercício da profissão. No entanto, não se pode, ainda de acordo com o autor, exigir que um professor despreze suas crenças, liberte-se das especificidades do seu caráter e ofereça além das possibilidades e limites pelos quais foi educado.

A construção da identidade profissional do professor acontece além da formação acadêmica, e das experiências profissionais. Esta construção ocorre, nos distintos espaços formativos, fundamentados em princípios éticos, morais, religiosos, dentre outros, que não ficam inertes na ação profissional. Cada sujeito vai falar do lugar que lhe é próprio. Os desafios relacionados ao estabelecimento da identidade profissional do professor podem ser observados, ora para conservação, ou seja, para a rotina, ora para subversão, na tentativa de orientar a constituição de novo *habitus* que configura o sistema de normas organizadoras do campo pedagógico; são desafios que constituem estratégias pelas quais o estatuto da profissão se edifica (CAVALCANTE, 2012).

A escola é um desses espaços de formação, tomada de significados e significantes, produzidos pelo currículo e pela cultura, pelo projeto político pedagógico, pelos livros didáticos adotados, pela formação dos seus professores, pela mídia, pela sua própria estrutura física e material. Em tudo e por tudo somos representados. São estes significados que nos posicionam enquanto sujeitos.

Nesses termos, a cultura é compreendida como “espaço de significação social”. Em outras palavras, ela seria responsável pelas diferentes posições sociais dos sujeitos. Assim, pela linguagem e pelo discurso, a cultura vai conduzindo o indivíduo à estrutura social. De acordo com Macedo (2000, p. 54) cultura se refere então a um “cenário de onde emerge o outro”; é uma “entidade” cuja existência depende dos seus representantes. Sodré (2002) ao falar da relação da educação com a cultura pontua o seguinte:

A primeira questão que se coloca é a importância de se entender a relação cultura e educação. De um lado está a educação, e do outro, a ideia de cultura como o lugar, a fonte de que se nutre o processo educacional para formar pessoas, para formar consciências. A cultura é, pois, essa dinâmica de relacionamento que o indivíduo tem com o real, com a realidade, de onde vêm os conteúdos formativos, ou seja, de formação para o processo educacional (SODRÉ, 2002 *apud* TRINDADE 2002, p.17).

Para Macedo, (2000, p.55) a cultura precisa ser repensada, sendo percebida “enquanto força que age e que também é resultado de ações”. Ele afirma: “Em realidade, a cultura é um conjunto de interpretações que as pessoas compartilham e que, ao mesmo tempo, fornece os meios e as condições para que estas interpretações aconteçam”.

As práticas culturais são mais que ações, atuações. Representam, simulam as ações sociais, mas só às vezes operam como uma ação. Isso acontece não apenas nas atividades culturais expressamente organizadas e reconhecidas como tais; também os comportamentos ordinários, agrupados ou não em instituições, empregam a ação simulada, a atuação simbólica (CANCLINI, 1997).

Segundo Moreira e Silva (2009), dentro da teoria crítica educacional, a cultura não deve ser compreendida como um conjunto inerte e estático de valores e conhecimentos a serem transmitidos de forma não problemática a uma nova geração, nem ela existe de forma unitária e homogênea. Os autores salientam o profundo envolvimento que a educação e o currículo, estabelecem com a cultura como campos de produção ativa e de contestação,

## CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E DA DIFERENÇA

Para Hall (2005), o conceito de identidade cultural, se refere a aspectos das identidades que surgem de “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais. Do ponto de vista de Silva (2000, p.76) “identidade e diferença são o resultado de atos de criação linguística”. Ou seja, tanto uma quanto a outra são produzidas, são “criações sociais e culturais”.

É frequente pensar na identidade como aquilo que se pode identificar. Assim, tudo o que não se identifica não se pertence. É estranho, é diferente. Nesse sentido, necessário refletir sobre identidade como algo individual, própria de cada sujeito. No primeiro momento, não se pensa em construções coletivas, em relações. Nas palavras de Silva (2000), a identidade definida dessa maneira simplista só teria como referência a si própria, sendo autossuficiente. Entretanto, identidade e diferença estão em uma relação de estreita dependência.

Para Macedo (2000) existe uma mediação contínua sobre a identidade e a diferença, pelos estudos da cultura, na ‘invenção do outro’, fazendo referência aos estudos antropológicos de Kilani (1994), inventar o outro é se compreender a si mesmo como vivo num mundo onde se pode, por contraste com o outro, desenhar os seus contornos.

Nesse sentido, importante compreender que a identidade depende da diferença para se reconhecer como tal. É na relação com o outro, que o “eu” se constitui, afirmando sua identidade. A diferença é produzida pela afirmação da identidade (SILVA, 2000). Lopes (2002) afirma que “as identidades não são fixas, mas complexas, diferenciadas e constantemente reposicionadas.” Outra citação deste autor amplia a compreensão da identidade enquanto uma construção social discursiva. “A construção da identidade social é vista como estando sempre em processo, pois é dependente da realização discursiva em circunstâncias particulares: os significados que os participantes dão a si mesmos e aos outros engajados no discurso” (MURRAY 1989, p.176 *apud* LOPES, 2002, p.34).

Fazendo referência ao âmbito escolar, no ambiente de sala de aula, as múltiplas identidades se constroem e se reconstroem nas relações estabelecidas, sendo a diferença concebida no momento que uma identidade é afirmada. “A identidade é assim marcada pela diferença”, afirma Woodward (2009, p.09). Desse modo, tanto o currículo como os atos de currículo, as identidades e as diferenças são, segundo os autores que fundamentam este estudo, construções sociais, que têm um caráter relacional e construcionista. São elementos inacabados e questionáveis. São construções marcadas pelas relações de poder.

Compreendendo a identidade e a diferença como atos de criação linguística, Silva (2000) declara que além de serem interdependentes, identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística. Isso significa dizer que não são “elementos” da natureza, que não são essenciais, que não são coisas que estão simplesmente aí, a espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas.



Dessa forma percebe-se que a relação entre a identidade e diferença, é dinâmica, complexa e inevitável. Onde as pessoas e suas diferentes maneiras de estar e de significar o mundo se entrecruzam, compartilhando espaços e polarizando saberes. Assim, considera-se que o tratamento dispensado ao “outro”, demonstra como ele é visto dentro dos espaços que ocupa.

Nesse sentido, são muitos os espaços onde se produz saberes, e a linguagem é um artefato essencial nesta produção. Na família, nas praças, no trabalho, na igreja e na escola, se está continuamente sendo construída. “O que dizemos, está sempre em contexto, posicionado” (HALL, 1990, p.222 apud LOPES, 2002, p.33). Compreende-se que ao falar, fala-se do lugar onde estão posicionados, e como não se está estanque, muda-se de lugar, e assim pode-se mudar de discurso.

Ressalta-se que se têm múltiplas identidades, todas elas inacabadas, que estão sujeitas a mudanças, que podem ser reposicionadas. Toma-se o indivíduo como um mosaico intrincado de diferentes potenciais de poder em relações sociais diferentes. Estas relações, de maneira geral, são carregadas de significados e de verdades próprias dos seus praticantes. Nos diferentes ambientes que os sujeitos convivem, eles estão em constante movimento de influência, e de formação (LOPES, 2002). A atividade humana é essencialmente formativa. Para Honoré, (1992), viver é naturalmente formativo, afinal, "a vida já tem a sua formatividade". Em outros termos, são sujeitos socioculturais diversos, que direta ou indiretamente estão em interação em todos os espaços que se ocupa. Entretanto, conforme Macedo (2000) é preciso considerar a complexidade que envolve os sujeitos sociais.

Ao falarmos de sujeitos socioculturais, diversidade étnica e cultura e escola, estamos dando visibilidade ao fato de que professores/as, alunos/as, pais vivenciam diferentes processos socioculturais. São homens e mulheres, adultos e crianças que pertencem a uma classe social, a uma cultura, a uma religião, cultivam valores morais, existenciais, cultuam tradições e constroem preconceitos. Há, por exemplo, nos cenários educacionais, mais do que aprendizagem técnica, sujeitos aprendizes e professores que ensinam. Densificam-se nestes cenários de identidades culturais em movimento, afirmações e transformações que apontam para identificações, conflitos, conchavos, consensos, insurgências, entre outros. (MACEDO, 2000, p. 85)

A construção da identidade e da diferença no contexto da sala de aula se revela nos atos de currículo praticados por professores e alunos, na interação entre esses sujeitos e seus contextos socioculturais. Embora diferentemente posicionados neste contexto, esses atores estão presentes e buscam afirmar suas identidades. Moreira (2001) apresenta o diálogo, como instrumento de ensino,

de mediação entre diferentes grupos presentes neste espaço, de democratização da escola e da sociedade, de eliminação de barreiras entre as diferenças.

## A ESCOLA E A RELAÇÃO COM AS IDENTIDADES E DIFERENÇAS

Estudos revelam que a escola brasileira foi pensada e estruturada para hegemonizar, culturas e conhecimentos, para delimitar os espaços sociais e formar indivíduos a fim de ocupá-los adequadamente. Começando pelo período da colonização, na necessidade de resolver questões emblemáticas envolvendo os diferentes povos, a escola nunca considerou as diferentes culturas presentes nestas terras (FISCHAMANN, 2002).

Inicialmente, foi necessário "formatar" aquele povo aos padrões do Estado Nacional de inspiração europeia. O povo precisava aprender a amar o seu país e decidir-se trabalhar por ele (FISCHAMANN, 2002). Segundo a autora, os anos se passaram, o nacionalismo exacerbado diminuiu, mas a escola continuou contemplando pouco, ou nada, das possibilidades presentes no fato de conviverem em seu interior raízes tão diversificadas.

Dayrell (1996) denomina de "instituição universal" o modelo de escola que corresponde à homogeneização dos sujeitos, da organização dos trabalhos, do currículo. Desse modo, alunos são vistos apenas como alunos, não existindo relações entre o conhecimento escolar e as vivências destes sujeitos, apenas o ensino dos conteúdos científicos propostos por um único currículo é válida.

O mesmo autor analisa a escola dentro da perspectiva sociocultural, considerando o dinamismo e o cotidiano deste espaço, levado a efeito por seres humanos concretos, presentes na história. Afirma que apreender a escola enquanto construção social implica, assim, compreendê-la no seu fazer cotidiano, onde os sujeitos não são apenas agentes passivos diante da estrutura. Ao contrário, trata-se de uma relação em contínua construção, de conflitos e negociações em função de circunstâncias determinadas.

Ao longo da história, a escola recebeu diferentes atribuições. Na sociedade atual, a escola enquanto instituição é desafiada a abrir as cortinas e perceber-se como lugar de interação e construção das diferentes identidades dos seus sujeitos. Faz-se necessário, novas posturas, novos conhecimentos, novos olhares por parte de todos que fazem a escola acontecerem, defende Fischmann (2002). Em particular, para os educadores, a autora diz:

Particularmente para nós, educadores, é a oportunidade de propor a necessidade de que a escola brasileira se reveja como modelo; que não se afirme mais, como se fez



até agora, com simplismo, que o Brasil é uma democracia racial, silenciando quanto o que se passa na escola. É preciso aproveitar a rica heterogeneidade característica dessa terra, com disposição de conhecer como esta Humanidade tão ricamente diferenciada foi introduzida e 'aclimatada' no Brasil - e as responsabilidades que temos, como educadores, de preservar essa diversidade, garantindo a identidade de cada tradição e promovendo a solidariedade, tarefa intransferível da educação (FISCHMANN, 2002, p.112).

Nóvoa (2003) fala da necessidade eminente, dentro de uma sociedade globalizada no qual somos continuamente interpelados e educados por diferentes recursos, de repensarmos o lugar da escola e sua atuação na busca de contemplar as novas e crescentes demandas. Neste sentido, ele pontua três aspectos centrais na refundação da escola: uma nova organização do trabalho escolar, uma nova relação com o espaço cultural e uma nova concepção de conhecimento. Desse modo, o autor salienta a importância de repensar o lugar da escola, já não como um 'templo do saber', recolhido e isolado da sociedade, mas como uma peça de um espaço cultural habitado por saberes e instituições que devem tomar parte ativa no esforço de educar e de formar.

A Constituição Federal de 1988 garante que a educação é um direito de todos. Entretanto para que essa garantia vá além da ampliação do acesso à rede escolar, contemplando positivamente a diferença como "fonte de diversidade, heterogeneidade e hibridismo", devemos repensar seriamente o modelo de escola que ainda prevalece na realidade brasileira, especialmente as escolas que atendem a grande população pobre deste país (WOODWARD, 2002). Parece-nos necessário desconstruir o conceito de instituição universal, pensando em diferentes maneiras de significar estes espaços e os conhecimentos propostos, desenvolvendo novas maneiras de interação e de valorização dos conhecimentos extraescolares que os sujeitos trazem consigo ao chegar à escola.

Mesmo reconhecendo a pluralidade social e defendendo uma prática educativa que promova a cidadania e a inclusão, a realidade social desafia professores e alunos, pois parece que a escola e seus atores ainda não sabem como agir para que isso de fato aconteça. As relações com a diferença, no cotidiano escolar parecem dificultadas. Igualdade e diferença são vistas como contrapostas e não como dimensões que mutuamente se reclamam. No entanto, também as investigações realizadas têm identificado progressivamente uma maior sensibilidade para esta temática, mas traduzi-la nas práticas cotidianas, continua sendo um grande desafio (CANDAUI, 2011, p.248).

Para a referida autora, a diferença é constitutiva, intrínseca às práticas educativas, e está no "chão da escola". Dessa maneira, as diferenças culturais, étnicas, de gênero, orientação sexual,

religiosas, entre outras, também se explicitam cada vez com maior força e desafiam visões e práticas profundamente arraigadas no cotidiano escolar.

Moreira e Cunha (2001), ao tratar de cultura, trabalho docente e identidades, também reconhece a complexidade real que os professores enfrentam neste “arco-íris de culturas” presente na escola. Todavia, segundo o autor, reconhecer a pluralidade cultural da sala de aula, exige pensar em maneiras de despertar o interesse de alunos/as tão diferentes, atender os diferentes grupos em suas especificidades, problematizando relações de poder que justificam situações de opressão, e facilitando a aprendizagem de todos.

Finalmente, fazem-se considerações sobre um lugar específico do ambiente escolar, a sala de aula. Na escola, têm-se diferentes espaços: os corredores, as áreas de esportes, os lugares destinados ao lanche, entre tantos outros. Todavia é na sala de aula que alunos e professores passam efetivamente mais tempo juntos, produzindo conhecimentos das mais diferentes áreas. Dayrell (1996) conceitua a sala de aula como um espaço de encontro, com características próprias. É a convivência rotineira de pessoas com trajetórias, culturas, interesses diferentes, que passam a dividir um mesmo território, pelo menos por um ano. Essa multiplicidade de culturas e de identidades torna a sala de aula rica, plural, estimulante e desafiante. Para Lopes (2002), as identidades sociais emergem na interação entre os indivíduos agindo em práticas discursivas particulares nas quais estão posicionados. Portanto, a fala do outro sempre partirá de um lugar (o contexto) e de uma visão, compreensão do mundo (alteridade). É desta interação que emergem as identidades sociais. Ainda nas palavras do autor, se entender as identidades como cambiantes, contestáveis e discursivamente construídas, o que se diz, o que se aprende e o que se faz na sala de aula, podem viabilizar tanto a preservação quanto o questionamento de determinadas identidades sociais.

De fato, toda prática humana falará de um modo de ser, de estar e ver o mundo. Assim, pensamos que a prática educativa e o discurso serão produzidos pelas múltiplas identidades do sujeito (pessoal, profissional, institucional), nas suas relações com os diferentes papéis que desempenha. Apesar de sermos fragmentados, descentrados, deslocados, compostos de várias identidades, a nossa ação é o produto destas muitas identidades. Para Lopes, (2002, p.55):

A multiplicidade de identidades que desempenhamos na sociedade pode ser representada pedagogicamente no discurso da sala de aula de modo que sua natureza socioconstrucionista seja trazida à tona e identidades hegemônicas sejam

criticadas discursivamente. Neste processo, os alunos podem compreender como suas identidades são construídas socialmente.

A prática discursiva do professor em sala de aula revela o lugar de onde ele fala. Revela o seu posicionamento diante dos assuntos abordados. Considerando que as identidades sociais são emergentes da interação entre os indivíduos, o professor é participante ativo da construção das identidades dos seus alunos (MOREIRA e CUNHA, 2001).

## CONCLUSÕES

A escola, instituição responsável pela transmissão de parcela da cultura, é marcada pela mesma, em função de sua especificidade, produz modos próprios de agir e pensar relacionados ao que historicamente se espera e se vê concretizado em seu interior. Nesse sentido, a vivência da docência se constitui pela adesão a um conjunto de práticas, códigos, valores a ela relacionados. Aprender a cultura docente e o que é constitutivo desses profissionais, buscando compreender o professor inserido em relações sociais e profissionais, se torna fundamental para a investigação de que o professor faz ao exercer a docência bem como de que o exercício da docência faz com ele.

Diante da complexidade que envolve uma educação que respeite e valorize as diferenças presentes nos espaços escolares, existe a necessidade de uma formação profissional que promova mais discussões e reflexões acerca das transformações sociais da pós-modernidade. Sem a pretensão de esgotar o assunto, as análises realizadas serão importantes para discussão de outros estudos que abordem temática semelhante.

Assim sendo, considera-se que a relevância da prática social da profissão do professor, contrapondo-se com o contexto legal, social e cultural que cerca a mesma, percebe-se a necessidade eminente de reconstrução da profissão nesta sociedade marcada por profundas e aceleradas mudanças sociais.

## REFERÊNCIAS

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003

CANDAU, V. M. F. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas – Vera Maria Ferrão Candau - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio Brasil. **Currículo sem Fronteiras**, v.11, n.2, p.240-255, Jul/Dez 2011. Disponível em: <[www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss2articles/candau.pdf](http://www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss2articles/candau.pdf)> Acessado em Dez/2017.

CAVALCANTE, M. D. Prática pedagógica, cultura escolar e identidade profissional : reflexões com origens no habitus. **In : Didática e prática de ensino : diálogos sobre a escola, a formação de professores e a sociedade e a sociedade**. Fortaleza: EDUECE, 2012.

DAYRELL, J. A escola como espaço sócio-cultural. **In: Múltiplos olhares sobre Educação e Cultura / Juarez Dayrell (Org.)**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

FISCHAMANN, R. **Identidade, identidades - indivíduo, escola: passividade, ruptura, construção**. **In: Multiculturalismo: mil e uma faces da Escola** /Azoilda Loretto da Trindade, Rafael dos Santos. (orgs.). 3. ed . Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FURLANETTO, D.; ARRUDA, M.P. de. Uma Questão Profissional: a identidade do Professor Enfermeiro. **In: IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**. Santa Catarina: 2012.

GADOTTI, M. **Os mestres de Rousseau**. São Paulo: Cortez, 2004.

GATTI, B. A. Os professores e suas identidades: o desvelamento da heterogeneidade. **Cad. Pesq. São Paulo**. n. 98, p. 85-89, ago. 1996.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KILANI, M. (2000). **L'Invention de l'Autre. Essais sur le discours anthropologique**. Paris: Editions Payot Lausanne.

LOPES, L. P. da M.. **Discursos de identidade em sala de aula de leitura: A construção da diferença** **In: Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. São Paulo: Mercado das letras, 2002.

MACEDO, R. S. **A Etnospesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA. 2000

MEKSENAS, P. Existe uma origem da crise de identidade do professor? **Revista Espaço Acadêmico**, n. 31, Dez, 2003.

MOREIRA, A. F. B.; CUNHA, R. C. O. **A discussão sobre identidade na formação docente**. Recife, Jul., 2001. Disponível em: <<http://www.educacao.ufrj.br/>> Acesso em 08.01.2017.

MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. **Currículo, cultura e sociedade**. 11.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

NÓVOA, A. Dilemas práticos dos professores. **Pátio Revista Pedagógica**, Porto Alegre, n. 27, ano VII, p. 25 - 28. Ag/Out, 2003.

SILVA, T. T da. A produção social da identidade e da diferença. **In: Identidade e diferença**. Organizado por Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SODRÉ, M.; Trindade, A. L. da. **Cultura, diversidade cultural e educação**. **In: Multiculturalismo: mil e uma faces da Escola** /Azoilda Loretto da Trindade, Rafael dos Santos. (orgs.). 3. ed . Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SODRÉ, N. W. **Síntese de história da cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. **In: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais** / Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Katharyn Woodward. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.